

Relações de violência e erotismo*

Maria Filomena Gregori**

Resumo

Existe uma relação – a ser decifrada com cuidado e nuance – entre a violência de gênero e um conjunto de concepções e práticas relativas à sexualidade. Em particular, tal relação deve dizer respeito a algum aspecto que interconecta a prática sexual no interior de um campo simbólico particular – a uma “erótica” – no qual feminino e masculino, corpo jovem ou velho, asiático, branco, pardo, negro e o suporte de tais definições não estão colados necessária e exclusivamente a mulheres e homens, como sujeitos empíricos, supondo uma relação de força, de subjuço e de dor. O propósito deste artigo é analisar as conexões que foram sendo feitas entre essa configuração da violência e as teorias e práticas feministas relativas ao erotismo.

Palavras-chave: Violência, Gênero, Erotismo, Pornografia, *Sex-Shops*, Teorias Feministas.

* Recebido para publicação em fevereiro de 2003. Gostaria de agradecer a leitura arguta feita por Heloísa Pontes e meus alunos do curso “Violência, Gênero e Erotismo”. Seus comentários foram fundamentais para a elaboração desse artigo.

** Professora do departamento de antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, ambos da Unicamp. bibiagregori@uol.com.br

Violence and eroticism

Abstract

There is a connection between gender violence and a set of conceptions and practices related to sexuality that ought to be decoded carefully. Such relation, specifically, concerns an aspect that interconnects sexual practices within a particular symbolic field - an "erotica", where categories such as "feminine" and "masculine", "young" or "old", "skin" color such as "yellow", "white", "mulatto" and "black" and the support to such definitions does not stick necessarily and exclusively to women and men as empirical subjects, and presupposes power and force relations in terms of subjugation and pain. This article aims at analyzing the connection that can be made between this configuration of violence and feminist theories and practices related to eroticism.

Key Words: Violence, Gender, Eroticism, Pornography, Sex-Shops, Feminist.

Nas duas últimas décadas, temos assistido à proliferação de contribuições de peso dos chamados estudos feministas no cenário das humanidades. Se é possível dizer que a década de 60 marcou definitiva e cabalmente a história política do ocidente – e as mudanças promovidas tiveram participação intensa dos vários movimentos libertários (entre os quais, o feminismo) –, os anos 80 e 90 inauguraram novos paradigmas, ou mais precisamente, o questionamento dos paradigmas modernistas, a partir da desconstrução de categorias ou conceitos. É inegável a participação de pensadores feministas nesse movimento de rupturas na história do pensamento. Para entender a abrangência dessas mudanças seria necessária uma discussão teórica consistente de modo a, de um lado, evitar as simplificações correntes – como aquela que reduz toda a variedade de posições teóricas a um modismo pós-moderno; e, de outro, proceder um exame crítico sobre as limitações e paradoxos do desconstrutivismo.¹ O propósito deste artigo é avaliar em que medida as mudanças de paradigma afetaram os debates sobre a violência de gênero, tal como apontar as conexões que foram sendo feitas entre essa configuração da violência e as teorias e práticas feministas relativas ao erotismo.

¹ São inúmeras as referências bibliográficas para o acompanhamento do debate, em suas várias modalidades disciplinares (na arquitetura, na teoria literária, na filosofia, na antropologia), seja na direção das propostas seja na das ponderações críticas. Algumas das indicações importantes na discussão da problemática de gênero e o questionamento das antigas epistemes, encontram-se, entre outros, em SCOTT, Joan, *Gender and the Politics of History*. New York, Columbia University Press, 1988; BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York, Routledge, 1993. Para uma discussão sobre o impacto dessa literatura sobre os estudos no Brasil, ver: HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil; GREGORI, Maria Filomena. Estudos de gênero no Brasil – comentário crítico. Ambos em MICELI, Sergio. (org.) *O que Ler na Ciência Social Brasileira*. São Paulo, Sumaré, Anpocs, 1999; PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma. (org.) *Gênero e ciências Humanas – desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997.

Relações de violência e erotismo

Antes da década de oitenta, período anterior a esse movimento do qual o pensamento feminista participou na discussão dos paradigmas, havia consenso entre os diferentes feminismos ao tratar da violência. Violência era tomada como fenômeno resultante do *phalloscentrismo* ou do patriarcalismo. Um dos problemas desse tipo de definição é o de limitar a discussão sobre a violência no interior de uma dualidade estabelecida entre vítima X algoz, insuficiente em termos de análise. As cenas de violência só são inteligíveis através de análises sistemáticas das relações em que elas ocorrem, nas quais, em alguma medida, temos que considerar o elemento da parceria. Essa definição também é frágil do ponto de vista de sua eficácia política, pois incorre na mera vitimização das mulheres, sem que a elas sejam destinadas chances reais de emancipação.

Essa concepção monolítica vem sendo revista pelos feminismos que hoje se interrogam sobre as construções discursivas de gênero e de violência. O que verdadeiramente está em foco na bibliografia mais recente é o tratamento do conceito de violência, tentando superar uma certa “neutralidade” difusa no que concerne ao problema da diferença entre os sexos.² A

² Henrietta Moore constrói sua abordagem sobre a violência, partindo de uma concepção discutida pela psicologia, a partir da qual o que leva um indivíduo a assumir uma posição identitária tem a ver com o grau de investimento acionado. MOORE, Henrietta. The Problem of Explaining Violence in the Social Sciences. In: HARVEY, Penelope and GOW, Peter. *Sex and Violence – Issues in Representation and Experience*. New York, Routledge, 1994. Esse grau de investimento é concebido num processo em que o indivíduo confronta seus compromissos emocionais e seus interesses. A violência ocorre em função da inabilidade de se sustentar uma posição identitária de gênero, que resulta em crise, real ou imaginária, da auto-imagem e/ou da imagem pública que se tem. Pode ser efeito, também, das contradições nascidas da exposição à multiplicidade de tais posições. Muitos casos de violência são resultantes da inabilidade de se controlar o comportamento sexual do outro – esse comportamento ameaça as auto-imagens e avaliações sociais sobre alguém. O problema desse tipo de argumento está na dificuldade de se discernir o momento que as frustrações em relação à auto-imagem – que são certamente numerosas na dinâmica biográfica de cada indivíduo – se constitui, levando a atos de violência. Outra fragilidade na

literatura está precisamente indo contra a qualquer retórica que não tome a violência como algo *en-gendered* (ou seja, perpassado pela assimetria sexual e de gênero³).

Essa vertente de estudos sobre a violência não focaliza a questão apenas na pré-figuração dos comportamentos individuais, e discute, problematizando, a expansão do conceito de violência na direção dos aspectos que constituem as práticas discursivas, tendência que perpassa os estudos pós-estruturalistas influenciados por Foucault e Derrida.

Uma das autoras que apresenta essa posição crítica é Teresa de Lauretis.⁴ Ela pretende tratar da produção semiótica do gênero e da sua articulação na retórica da violência ou nos seus termos:

(...) the very notion of a “rethoric of violence” presupposes that some order of language, some kind of discursive

argumentação da autora, a meu ver, é o fato de estar por demais focalizada nas dinâmicas individuais e não – como eu acredito – em relações estabelecidas por indivíduos, não sendo indivíduos posicionados do mesmo modo, inclusive. Trata-se de relações que, no mais das vezes, envolvem uma assimetria de poder.

³ É imensa a discussão e a polêmica sobre as intrincadas relações entre sexo e gênero e suas implicações conceituais. Se gênero foi conceituado, ainda na década de 70, como a armadura cultural (variável e desessencializada) que incide sobre as diferenças de sexo, na década de 80, a polaridade entre sexo – como algo relativo ao corpo no seu sentido biológico – e gênero – como a força atuante e criativa da cultura – passa a ser posta em questão. Tanto de Lauretis, como Moore, compartilham as idéias críticas que foram desenvolvidas desde a década de 80, de modo que, quando se referem ao conceito de gênero, ele já vem pressupondo uma relação não polar com o conceito de sexo. Para um devido esclarecimento dessa discussão, consultar HEILBORN, M. L. e SORJ, B. Estudos de gênero... Op. cit.; PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero... Op. cit.

⁴ DE LAURETIS, Teresa. The Violence of Rethoric. In: DI LEONARDO, Micaela and LANCASTER, Roger. (eds.) *The Gender/Sexuality Reader – Culture, History, Political Economy*. New York, Routledge, 1997; BROFEN, Elisabeth. *Over Her Dead Body: Death, Femininity and Aesthetic*. Manchester, Manchester University Press, 1992.

representation is at work not only in the concept “violence” but in the social practices of violence as well.⁵

Para tanto, propõe discutir a concepção foucaultiana de violência (em particular, a relação com o poder disciplinar e com as tecnologias da sexualidade) e, também, a de Derrida – sobretudo, as idéias referentes ao artigo “The Violence of the Letter”. Para ela, trata-se de assinalar, fundamentalmente, que tais pensadores compartilham uma visão que conceitua a violência sem considerar que ela é recortada pela assimetria que configura uma relação de força em que um dos pólos é posicionado em desigualdade. É necessário deixar claro que o que importa, no caso, é a desigualdade que incide na relação entre o feminino e o masculino, pois as representações e práticas posicionam gêneros em “suportes empíricos” variados. Isso significa que, no limite, os homens também podem ser violados, sendo seus corpos tratados como femininos. Nesse sentido, não é suficiente tratar o problema da violência como se fosse algo relativo ao casal, desviando o olhar das relações de poder imiscuídas entre os envolvidos.

A crítica feita a Foucault reforça esse ponto de vista: ele teria uma análise circular que resulta numa posição política neutralizadora. Teresa de Lauretis está se referindo às idéias do autor na *História da Sexualidade* e, em particular, ao seu argumento sobre o poder do Estado em configurar a nossa vida amorosa. Ao partir da noção de que a sexualidade é produzida discursivamente (institucionalmente) pelo poder e o poder é produzido institucionalmente (discursivamente) pelas tecnologias envolvidas na sexualidade, Foucault não abre espaço para a atuação e para a formulação concreta de um contra-discurso ou de uma contra-posição. Para ilustrar o efeito paradoxal dessa noção geral, ela lembra o posicionamento de Foucault a propósito do estupro: no sentido de desinvestir o poder do Estado sobre a sexualidade, seria melhor, segundo o autor, tratar tal delito como

⁵ DE LAURETIS, T. The Violence of Rethoric. Op. cit., p.266.

um ato de agressão e não como um ato de violência sexual. A abordagem proposta por de Lauretis vai na direção contrária, indicando a relevância de se tratar o conceito a partir da noção de tecnologia de gênero, ou mais precisamente, apreender as técnicas e estratégias através das quais o gênero é construído e a partir das quais a violência é *en-gendered*. Além dessa crítica, de Lauretis assinala o risco de análises feministas⁶ sobre violência influenciadas por Derrida que, ao focalizarem exclusivamente práticas discursivas a partir das concepções do autor sobre linguagem, tendem a uma posição neutra em relação ao gênero e a um distanciamento em relação ao objeto do que está em questão, a violência em sua manifestação empírica.

Nesse conjunto de proposições, algumas são referenciais para dar complexidade ao conceito de violência de gênero, pois sugerem que a identidade daqueles que fazem parte dessas relações de violência é criada em meio a um movimento de espelhamento e contrastes, e que não se esgota. Não existe categoria genérica ou essencial que imponha aprioristicamente o traçado ou o perfil dessa identidade.⁷ Como bem pondera de Lauretis, é preciso sublinhar a idéia de que a dinâmica dessas relações é recortada pela desigualdade, por uma assimetria que, inclusive, leva à violência. Mas se as análises feministas recentes são vigorosas na crítica às visões monolíticas, elas têm incorrido em um deslocamento: estão dirigidas preferencialmente a um tipo de abordagem que tenta mostrar como a violência é discursivamente construída, abandonando os aspectos materiais e empíricos que constituem as relações de violência. Por outro lado,

⁶ Esse tipo de perspectiva tem sido desenvolvida por feministas que se dedicam aos estudos legais e que usam a *violence of the letter* como as práticas discursivas sociais encontram sua legitimação institucional ou jurídica na “violência da lei”. Drucilla Cornell é, talvez, uma das maiores representantes dessa linhagem de estudos. CORNELL, Drucilla. *The Heart of Freedom: Feminism, Sex and Equality*. Princeton, Princeton University Press, 1988.

⁷ GREGORI, Maria Filomena. *Cenas e Queixas – Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo, Paz e Terra/Anpocs, 1993.

precisamos também olhar para os casos em que elas ocorrem em meio à produção do prazer, da fruição entre parceiros.

Existe uma relação – ainda a ser decifrada com cuidado e nuance – entre a violência de gênero e um conjunto de concepções e práticas relativas à sexualidade (e conjunto, importante salientar, desde que visto como sendo recortado pela diversidade e por variados significados). Em particular, tal relação deve dizer respeito a algum aspecto que interconecta a prática sexual no interior de um campo simbólico particular – a uma “erótica” – no qual feminino e masculino, corpo jovem ou velho, asiático, branco, pardo, negro e o suporte de tais definições não estão colados necessariamente e exclusivamente a mulheres e homens, como sujeitos empíricos, supondo uma relação de força, de subjugo e de dor.

No sentido de examinar as implicações do erotismo nas relações de violência, é sugestivo tomar de empréstimo – como um ponto de partida – a definição de pornografia⁸ aceita e difundida entre os *experts* dedicados à caracterização desses materiais: expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais⁹. Essa noção da pornografia como transgressão a convenções morais sancionadas está presente em obras de autores, como Pietro Aretino, desde o século XVI e condensa, segundo os historiadores da pornografia, o sentido moderno desse tipo de representação¹⁰. Ainda é limitado o

⁸ Ainda que o senso comum estabeleça uma distinção entre erotismo e pornografia, emprego os dois termos indistintamente, seguindo orientação dos estudiosos da tradição de escritos e imagens eróticas desde o Renascimento. Para maiores informações, consultar HUNT, Lynn. *The Invention of Pornography – Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. New York, Zone Books, 1993.

⁹ Esta definição é de WAGNER, Peter. *Eros Revived: Erotica of the Enlightenment in England and America*. London, Secker&Warburg, 1988.

¹⁰ Segundo Lynn Hunt, o acompanhamento da tradição pornográfica, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, revela aspectos fundos da consolidação da cultura moderna. Desde os sonetos do Ragionamenti de Aretino (1534-36), passando

exame das implicações das concepções dessa tradição no que concerne à problemática de gênero. E, mesmo que essa investigação não seja o objeto deste artigo, vale salientar que essa concepção do erotismo como transgressão às convenções morais é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo. O autor que condensa de modo cristalino essa noção é Georges Bataille em *O Erotismo*. Autor-guia exemplar para entender aspectos ainda presentes e que demandam uma problematização crítica no repertório da pornografia contemporânea, ele propõe o nexo entre violência e êxtase erótico, como violação de conteúdos instituídos socialmente, mantendo o dualismo entre atitude masculina/ativa e atitude feminina/passiva.

É importante deixar claro que não pretendo fornecer uma explicação causal, muito menos buscar uma relação de determinação entre erotismo e violência. É preciso, no entanto, considerar que existem nexos que recortam esses dois campos (se é possível assim chamá-los) e, sem dúvida, o grande desafio intelectual e político que se impõe é descobrir como estão articulados e suas implicações sobre as posições de gênero, etárias e étnicas na sociedade contemporânea.

Uma cena

No sentido de ilustrar a relevância desse tipo de abordagem, conto um caso, ou melhor, parto de uma cena contada por uma de minhas entrevistadas em pesquisa realizada sobre violência contra a mulher.¹¹

pela L'Ecole des filles (1655) até os escritos do Marques de Sade do século XVII colocam em relevo o confronto entre o livre pensamento e a noção de heresia, tal como apropriam aspectos da filosofia natural e da ciência, questionam a política absolutista.

¹¹ GREGORI, M. F. *Cenas e queixas...* Op. cit.

Relações de violência e erotismo

Regina assiste a um programa de TV. Yoko Ono recita um poema. Regina: “Eu acho a Yoko uma verdadeira poetisa”. O marido: “Ela é uma puta”. Regina: “Eu não vou pelo que dizem as revistas. Se tem uma coisa que me irrita é isso de ir pelo que os outros dizem. Eu acho o Gilberto Gil um grande músico, um grande poeta e não tem nada a ver não gostar do que ele faz porque dizem que ele é bicha”. O marido: “Você só gosta disso... Yoko Ono... Malu Mulher... essas putas”. E ela: “Você vai pelo que os outros dizem.. qual o problema de gostar delas?” E ele: “Vai ver você também é uma puta”. Regina: “Você que é um puta ignorante e preconceituoso”. E tudo começa.

Cena de briga. Uma entre tantas na vida desse casal. Quando esse “tudo começa”..., as réplicas verbais continuam com os xingamentos e tapas, pontapés, arranhões etc. Roland Barthes diz muito sobre essas situações que antecedem as agressões em “Fazer uma cena” – um dos verbetes de *Fragmentos do Discurso Amoroso*:

Quando dois sujeitos brigam segundo uma troca ordenada de réplicas e tendo em vista obter a “última palavra” esses dois sujeitos já estão casados: a cena é para eles o exercício de um direito, a prática de uma linguagem da qual eles são co-proprietários, equivale a dizer nunca você sem mim e vice e versa. Esse é o sentido do que se chama eufemisticamente de diálogo: não se trata de escutar um ao outro, mas de se sujeitar em comum a um princípio de repartição dos bens da fala. Os parceiros sabem que o confronto ao qual se entregam e que não os separará é tão inconseqüente quanto um gozo perverso (a cena seria uma maneira de se ter o prazer sem o risco de fazer filhos).¹²

¹² BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985, p.36. Barthes está sugerindo que é um equívoco ler essa cena como expressão de busca de entendimento, como um diálogo cujo significado está ancorado em um objeto ou motivo em todo o seu transcorrer. O

O autor afirma também que a cena tem fim em três circunstâncias: o cansaço dos parceiros (e deve ser mútuo), a chegada de alguém ou a substituição da troca de réplicas pela agressão. Seria o caso de indagar se a agressão não funciona como parte do jogo que a cena introduz. O emprego do xingamento desempenha um papel importante: incita o início de um outro jogo e o desfecho do primeiro.

Voltemos ao caso: Regina lança os primeiros dados do jogo. Elogiar Yoko Ono introduz a cena. A réplica virá e ela tem consciência disso. Sabe de longe e de longa data as opiniões do marido com relação às mulheres liberadas. Mas ela joga. A cena desenrola um jogo de espelhamento – se gosta da Yoko é porque é puta; se diz que Yoko é puta é porque é ignorante; os dois apresentam opiniões simetricamente opostas e posições de luta, um acusa o outro. Regina e o marido buscam na cena o confronto. Qual é o sentido dessa “luta”? Regina e o marido conflitam em relação aos padrões de conduta: o marido defende o “tradicional”; Regina está em busca do “moderno”. As relações sexuais dos dois, contudo, são excelentes. Nelas, os parceiros soltam suas fantasias eróticas, buscam o prazer um do outro, etc. Observação: nessas relações não ocorrem agressões. As diferenças entre eles, que se manifestam no cotidiano, não se expressam no momento em que se dá o intercurso sexual. Contudo, há entre esses episódios uma relação, um sentido que os atravessa.

Bataille, na sua análise sobre o erotismo, pode ajudar no resgate desse sentido. Aparentemente, temos diante de nós dois tipos distintos de episódio. Um que leva à agressão; outro que leva ao prazer. No primeiro, os parceiros estão em choque e este é provocado por um conteúdo permitido e estimulado no segundo episódio. Para Bataille, o erotismo exige um movimento de ruptura que prepare os corpos para o prazer. O desnudamento é um desses movimentos, pois ele leva ao despudor: a violação ou

motivo atua como origem de um entrecurso de réplicas verbais. Ele se perde no trajeto ou na encenação.

Relações de violência e erotismo

transgressão de tudo aquilo que constitui o estado normal dos parceiros, ou, em seus termos, o estado fechado ou estado de existência descontínua. A nudez anuncia e é emblema de um movimento de desposamento, fundamental para o sentido do erotismo – levar a um estado em que os envolvidos não sejam mais seres descontínuos, uma fusão na qual eles deixam de ser parceiros, “Uma fusão onde se misturam dois seres que ao final chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução”.¹³

No caso dos dois protagonistas, a cena deliberadamente abre para a obscenidade, os xingamentos e os tapas no corpo de Regina. A “violação” do corpo dela pode significar que ela não mais se pertence. Essa é uma ruptura que prepara outro movimento em que os dois se ligam – agora, em acordo – na busca de prazer. A passagem de um momento para outro é confusa, mas apreensível: a agressão indica uma ruptura que, ao acentuar o confronto, prepara a formação de um novo tipo de enlace no qual as diferenças entre os dois convergirão para estimular o prazer – há a passagem de um estado de divergência para um de convergência. Trecho de Bataille:

O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. Digo: a dissolução dessas formas da vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos.¹⁴

Existe alguma coisa que recorta casos em que ocorre a violência de gênero que não está sendo considerada quando eles são lidos apenas como ação criminosa e que exige punição. Trata-se de um tipo de leitura que enfatiza apenas a dualidade entre algoz e vítima, estabelecendo uma rigorosa polaridade entre o ativo e o passivo na ação, sem considerar que as cenas nas quais os parceiros se vêem envolvidos e que culminam em agressões

¹³ BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre, L&PM, 1987, p.17.

¹⁴ ID., IB., p.18.

estão sujeitas a inúmeras motivações – disposições conflitivas de papéis cujos desempenhos esperados não são cumpridos, jogos eróticos, etc. Tais motivos se perdem nas cenas. Porém, retornam em outras como rituais privados que repetem cotidianamente.

Para entender como se constituem as relações de violência nós podemos tentar acompanhar com sistematicidade como o cotidiano de posições vai se estabelecendo entre os parceiros. Mas considero que, além desse acompanhamento, é importante entender uma singular representação sobre o sentido do erotismo – como essa que está presente em Bataille – que supõe que o prazer sexual emana da dissolução de formas sociais ou ainda a presunção, que pode culminar em exercícios metafóricos ou literais, da violação – no sentido mesmo de agressão – de corpos.

Jane Gallop sugere que na leitura que Bataille faz de Sade, assim como na sua definição de erotismo, está presente uma fantasia da soberania.¹⁵ Tal fantasia supõe que o sujeito desejante busque o êxtase na negação das posições sociais, na negação da fala (o silêncio seria a condição especial do libertino), numa fusão em que as diferenças entre parceiros sejam super enfatizadas para, em seguida, serem dissolvidas, como que negadas.

Há em Bataille uma concepção de que o êxtase ou o ponto culminante do prazer sexual leva a um estado de dissolução. Essa

¹⁵ Jane Gallop apresenta uma intrigante re-leitura do erotismo em Sade, sugerindo uma revisão das interpretações feitas por Roland Barthes e por George Bataille. Para ela, Barthes confina a análise sobre Sade a um princípio de delicadeza, estruturalista em seu método e abrangência, não conseguindo admitir a violência que há nesses escritos. E violência no sentido de ruptura com uma ordem racional ou lógica. Já a leitura de Bataille – em sua opinião –, não oferece resistência à violência. Contudo, toda a interpretação passará por uma concepção que enfatiza a dissolução de laços sociais e a soberania absoluta do sujeito no tocante ao desejo. Gallop discorda. Vê nos escritos de Sade um sem número de referências a alianças entre libertinos – como a *Sociedade de Amigos do Crime*. Bataille, tomado como o mais óbvio descendente de Sade, apresenta, segundo a autora, uma leitura perpassada pela fantasia de soberania. GALLOP, Jane. *Thinking Through the Body*. New York, Columbia University Press, 1988; BARTHES, Roland. *Sade, Fourier e Loyola*. Lisboa, Edições 70, 1979.

noção, mais do que representar uma concepção particular, está difusa ainda hoje e passa a ser estratégica para, de um lado, decifrar o nexos que articula a violência de gênero ao erotismo; de outro, ela permite pensar muitas noções, práticas, objetos, *performances* no erotismo contemporâneo. Essa singular representação que associa prazer a violar o “instituído” socialmente é, na minha hipótese geral, vigorosa ainda hoje e ilustra os casos tão diversificados de escolha e identidade sexual.

Mas, fica uma questão: trata-se de saber porque, nessa dissolução, cabe ao corpo “feminizado” o lugar da violação. Tal corpo pode ser o da mulher, mas também pode ser o do homem, desde que submetido a uma re-simbolização que o dote com sentido feminino. Esse aspecto do problema esteve em destaque em um debate acalorado nos Estados Unidos entre, de um lado, feministas que organizaram o movimento anti-pornografia e, de outro, feministas que se posicionaram como “anti-puritanas”, abrindo novos campos de reflexão sobre minorias sexuais. Examinar a literatura que dá base a esse debate interessa, sobretudo, pela articulação proposta pelos interlocutores de cada um dos lados do embate entre violência e erotismo e cujas implicações são, no mínimo, intrigantes.

Prazer e perigo

O final dos anos setenta representa um momento particularmente significativo na história do ativismo feminista americano cujos efeitos resultaram uma re-configuração do campo teórico.¹⁶ Em meio à ameaça da retomada da moralidade

¹⁶ É importante enfatizar que se é possível situarmos a emergência do movimento anti-pornografia dentre as fileiras feministas americanas, ele não esteve restrito aos Estados Unidos. Beatrice Hanssen, ao discutir a relevância do debate entre feministas pró ou contra pornografia, mostra a sua difusão principalmente na Alemanha e na Áustria. HANSSSEN, Beatrice. *Critique of Violence*. New York, Routledge, 2000.

tradicional por intervenção da New Right¹⁷, aparecem no cenário político feminista grupos com posições antagônicas. Em 1976 é criado o Women Against Violence in Pornography and Media, em 1979 o Women Against Pornography; e, em 1978, nasce o Samois (primeiro grupo lésbico sadomasoquista). Interessante notar que a reação ao moralismo de “direita” fez emergir, paradoxalmente, de um lado, um moralismo feminista anti-sexo protagonizado pelo movimento contra a pornografia – não menos normatizador do que a retórica que caracterizava a New Right. De outro, houve contraposição dentro da comunidade lésbica na tentativa de legitimar apostas e alternativas sexuais como o sado-masiquismo, desafiando a máxima de que jogos de dominação X submissão apenas constituem as relações heterossexuais.

Os grupos anti-pornografia – que fazem parte do que os estudiosos do campo denominam como feminismo radical¹⁸ – eram compostos por mulheres identificadas com uma parcela da comunidade feminista lésbica que não apenas rejeitava o sexo heterossexual por uma questão de escolha sexual, mas como consequência de uma leitura particularmente determinística sobre a dinâmica de poder das relações heterossexuais. Catharine Mackinnon¹⁹ – considerada um dos avatares do feminismo radical – apresenta uma análise das relações sexuais como sendo estruturadas pela subordinação de tal modo que os atos de dominação sexual constituem o significado social do “homem”, e a condição de submissão o significado social da “mulher”. Esse

¹⁷ A New Right foi um movimento organizado por políticos republicanos e lideranças religiosas a partir de uma agenda que priorizava questões sexuais. Dentre as demandas, medidas e tentativas de alteração de leis estavam a criminalização do aborto, o impedimento de extensão de direitos aos homossexuais, propostas variadas para que as mulheres deixassem de atuar na esfera pública, dedicando-se ao lar e à prole, etc.

¹⁸ FERGUNSON, Ann *et al.* Sex War: the Debate between Radical and Libertarian Feminists. *Signs*, vol 10, n° 11, autumn 1984.

¹⁹ Um dos seus artigos mais comentados é Feminism, Marxism, Method, and the State: an Agenda for Theory. *Signs*, vol.7, n°3, Spring 1980.

determinismo rígido, segundo Judith Butler²⁰, traz, pelo menos, duas implicações: em primeiro lugar, a noção de que toda relação de poder é uma relação de dominação, toda relação de gênero, pois, só pode ser interpretada por esse crivo; implica também a justaposição da sexualidade ao gênero – entendido a partir de posições rígidas e simplificadas de poder – associando-o, sem maior exame, ao “homem” e à “mulher”. O feminismo radical hasteou sua bandeira contra instituições heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento definiu outros alvos: o sadomasoquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual. É importante assinalar a aliança desse movimento aos grupos feministas que atuavam contra a violência, causando impacto considerável na arena política e teórica do feminismo.

No início da década de oitenta, dada a imensa visibilidade pública do feminismo radical, vozes saídas do campo feminista, mas também da comunidade lésbica, ensaiaram o contra-ataque. Nelas avistamos toda a discussão travada pelas vertentes críticas ao essencialismo que caracterizava o discurso sobre a opressão desde a década de setenta. Uma conferência realizada no Bernard College em Nova York, em 1982, deu início a essas novas perspectivas, reunindo feministas heterossexuais e lésbicas que apoiavam e tomavam como objeto de reflexão as alternativas sexuais que implicam o prazer dos parceiros, inclusive, aquelas práticas que estavam sob alvo das feministas radicais. Os resultados da Conferência foram publicados por Carol Vance no livro *Pleasure and Danger*. Esse livro representa um marco importante no campo, pois problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação, assim como, a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero em

²⁰ BUTLER, Judith. *Against Proper Objects*. In: WEED, Elizabeth and SCHOR, Naomi *Feminism Meets Queer Theory*. Indianapolis, Indiana University Press, 1997.

um mapa totalizante da subordinação patriarcal. No interior da tradição feminista em favor da liberdade sexual – que reuniu, além do ativismo, *scholars* de várias origens disciplinares – Carol Vance criou, a meu ver, uma “convenção” sobre o erotismo que organiza parte considerável das atuações e reflexões do feminismo contemporâneo, assim como ajudou a consolidar um novo campo de pensamento na crítica cultural – as *queer theories*.²¹ Tal “convenção” implica a idéia de que a liberdade sexual da mulher constitui prazer e perigo. Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos irrefutáveis envolvidos no exercício da sexualidade. Prazer porque há, no limite, uma promessa no erotismo e na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomada apenas como exercício de reprodução. Se essa “convenção” amplia, inegavelmente, a discussão sobre a problemática do prazer, em contrapartida, há, ainda, uma tendência a dissociar o prazer do perigo, tomando-os como resultados em separado sem examinar os nexos que estão articulando os dois termos assinalados. Essas novas perspectivas criaram, ao evitar cair no determinismo rígido e simplificador do feminismo radical, uma armadilha, quando não um ardil: uma ênfase em uma concepção de prazer cujo significado não foi inteiramente problematizado em termos sociais e históricos, resultando em uma aposta de que ele traz em si uma força liberadora, desde que submetido ao consentimento entre parceiros. O “lado” do perigo foi tratado de modo simples como se o consentimento, como um mero ato de vontade, garantisse sua tradução em prazer. Nessa transposição, ou passagem, restou

²¹ *Queer theories* constitui campo vasto de estudiosos formados na tradição dos *gays and lesbics studies*. Alguns comentadores costumam, inclusive, associar ou nomear indiferenciadamente os dois “campos”. Tratam-se de estudiosos que não só são gays e lésbicas, como tomam como objeto de investigação os aspectos da vida social relacionados a essa escolha ou condição. Um ótimo artigo a situar esses estudos e estudiosos em relação ao feminismo foi escrito por BUTLER, J. *Against Proper Objects*. Op.cit.

entre parêntesis o problema da violência. No sentido de esclarecer essas artimanhas no desenvolvimento da discussão feminista, voltemos ao debate.

Gayle Rubin afirma, em artigo que consta da coletânea de Carol Vance, que a relação entre o sexo e o feminismo sempre foi complexa. E o é pelo fato da sexualidade ser o nexos da relação entre gêneros e muito da opressão nascer, ser medida e se constituir a partir dela. Dessa complexidade, derivam as duas tendências já assinaladas: uma que concebe a liberação sexual como mera extensão dos privilégios masculinos – essa linha criou toda a retórica anti-pornográfica.²² Outra tendência é a de crítica às restrições do comportamento sexual das mulheres, ligada a todo o movimento de liberação sexual dos anos sessenta. Essa linha criou e tem produzido estudos e práticas inovadoras relativas ao prazer e escolhas sexuais. A relevância do artigo “Thinking Sex” de Rubin, segundo Judith Butler, se deve ao fato dela ali ter salientado que o feminismo não é o único discurso – ou o mais apropriado – a tratar das relações de poder formadas e reguladas pela sexualidade.²³ Esse “feminismo” criticado por Rubin é constituído pelas teorias de Catharine Mackinnon, em particular, pela noção de que a modelação, a direção e a expressão da sexualidade organizam a sociedade em dois sexos – mulher e homem. Para Rubin, as relações sexuais não podem ser reduzidas às posições de gênero. A inter-relação sexualidade-gênero não pode ser tomada pelo prisma da causalidade, nem ser fixada como necessária em todos os casos. Nesse sentido, ela passa a

²² Fazendo uma *blague*, Rubin chama essa vertente de “*demon sexology*” e sugere que ela representa o que o movimento tem produzido de mais retrógrado do lado de cá do Vaticano. RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carol. (ed.) *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. New York, Routledge, 1984.

²³ Esse tipo de formulação foi depois seguido por Drucilla Cornell, bell hooks, Ann MacClintock, além de Carol Vance – estudiosas que enfatizam, em contextos pós-coloniais e de Terceiro Mundo, que o gênero não é mais central do que raça ou classe para os propósitos da análise sobre práticas sexuais.

adotar uma posição de aliança com as minorias sexuais, distanciando-se do ativismo feminista radical e propõe uma nova conceituação. Nela, a autora apresenta elementos descritivos e teóricos para pensar a sexualidade e elabora a noção de que os atos, as práticas e as escolhas sexuais nas sociedades ocidentais modernas se realizam no interior de um sistema hierárquico de valorização sexual (*sexual value system*). Nele, a sexualidade considerada normal é a que se exercita em meio às relações heterossexuais firmadas em matrimônio, visando a reprodução. A esse padrão, seguem outras situações escalonadas na hierarquia valorativa, em posição decrescente: casais heterossexuais monogâmicos não casados; solteiros com vida sexual ativa; casais estáveis de gays e lésbicas; gays solteiros sem vida promíscua; gays solteiros com vida promíscua; fetichistas; S/M (sodomasoquistas); posições não masculinas ou femininas (travestis, *drag queens*, etc.); sexo pago; sexo inter-geracional (em particular, o que se dá entre adultos e menores de idade).

Interessante notar que Rubin, nesse artigo, associa as diferentes práticas do seu sistema ao que chama de minorias sexuais. Um procedimento analítico que já associa a escolha sexual à constituição de identidades coletivas. Seja pela capacidade de segmentação tão característica da sociedade americana, seja pelo esforço da autora de dar legitimidade política aos praticantes do sexo socialmente não valorizado. A partir desse marco, um novo campo de teorias se abre no cenário, trazendo novas e intrigantes contribuições. Intrigantes porque, ao examinar no detalhe a produção sobre sexualidade na década de 90 – principalmente nos Estados Unidos –, salta aos olhos a quantidade de estudos relativos às práticas sodomasoquistas, fetichistas, etc. entre pessoas do mesmo sexo.

Mesmo que Gayle Rubin tenha tentado deslocar a proeminência do feminismo como discursividade exclusiva a tratar da sexualidade e de deixar sugerido que é preciso garantir a flexibilidade de olhares para dar conta de um conjunto mais diverso de minorias sexuais, é de notar a visibilidade e a

notoriedade que os escritos gays e lésbicos ganharam nas últimas duas décadas. Há o reconhecimento na bibliografia de que tais estudos não apenas colocaram a público um tratamento mais sistemático das realidades empíricas vividas por populações homossexuais, como trazem contribuições teóricas para pensar os efeitos mais fundos do modelo heterossexual. Em particular, chamo atenção para a discussão no campo feminista sobre sexualidades heterodoxas com uma clara tendência em enfatizar fenômenos e práticas relativos ao campo do lesbianismo. De fato, boa parte dos escritos críticos e do debate teórico apresenta essas duas vertentes: a primeira delas trata a questão do desejo na linha da teoria da objetificação do corpo feminino – vertente que tem como exemplo as campanhas contra a pornografia; a segunda vertente critica a demonização da sexualidade pressuposta pela teoria da objetificação, porém, situa e circunscreve toda a discussão, tomando como ponto de partida e como ponto de chegada o desejo feminino presente em relações mulher/mulher.

Há uma clara delimitação do debate a esse conjunto de relações humanas. Relações que ainda supõem uma dose presumível de equidade. Como se para pensar sobre alternativas e perversões sexuais só fosse possível para relações cuja base de fundo pressupõe uma simetria. Como se, por se tratarem de pessoas do mesmo sexo, o consentimento já fosse garantido de antemão e a violência e o perigo transpostos para a arena dos prazeres. Exagero na crítica ou não, há nessa bibliografia uma ausência de tratamento do problema da violência, ficando este restrito ao campo do feminismo radical que procede a uma análise determinística e rígida.

Essa é uma hipótese que tenho construído a partir não apenas da leitura do material bibliográfico sobre o tema, como também é resultante de pesquisa empírica junto a *sex-shops* de São Francisco e Berkeley. Parece haver uma espécie de duplicação entre essa tendência presente nos desenvolvimentos teóricos do feminismo – principalmente o das vertentes “*pro-sex*” ou “anti-objetificação” – e a abertura de um campo alternativo no

mercado para o sexo. Nele, verifiquei uma série de tentativas que questionam o mercado convencional do sexo e uma promessa de um “erotismo politicamente correto”, cujo sentido seria o de transgredir restrições ao livre exercício da sexualidade. Se práticas sexuais qualificadas como violentas (S/M e alguns fetichismos) são condenadas nas relações heterossexuais, nos *sex-shops* para gays (lojas nas redondezas da Castro Street) e na Good Vibrations (*sex-shop* criado pelas lésbicas em 1975), elas ganham lugar, visibilidade, aceitação e acessórios.

Sex-Shops

A pesquisa exploratória realizada em alguns *sex-shops* de São Francisco e Berkeley representou oportunidade excepcional para a verificação, senão para o desenvolvimento de novas hipóteses relativas ao exame da bibliografia recente que articula teoricamente as questões da violência, do gênero e do erotismo. São Francisco é uma cidade que tem ganhado visibilidade internacional, desde a década de 70, como lugar de maior tolerância para o livre exercício de escolhas sexuais alternativas. Não só boa parte dos movimentos libertários teve ali uma de suas mais expoentes expressões, como parte considerável do pensamento crítico toma os casos empíricos oriundos da comunidade gay/lésbica como exemplares para a discussão.

Dentre as várias configurações possíveis de pesquisa, a escolha desse campo empírico se deu pela potencialidade que ele apresenta em permitir comparações. Salta aos olhos do especialista nesses temas, o fato de encontrarmos nessa cidade experiências relativas a práticas eróticas pouco convencionais.

Sex-shops, locais de acesso comercial aos materiais eróticos, existem em boa parte dos centros urbanos contemporâneos. A grande maioria visa o público heterossexual, comercializando livros, vídeos, acessórios variados (vibradores, roupa íntima, óleos, bonecos infláveis) concernentes a um certo modelo do desejo que pressupõe o exercício de fantasias sexuais, violando – brincando,

ou mesmo transgredindo – todo um conjunto de práticas e símbolos relativos à experiência sexual socialmente não condenável (heterossexual e visando a reprodução). Parte-se da noção de que em um comércio dessa natureza seja adequado encontrar materiais que acentuem – nas cores, nos formatos, nos objetos – certas violações ao instituído. Esse conjunto de elementos simbólicos é variável histórica, social e geograficamente, contudo, encontramos no mercado pornográfico um universo restrito de signos, muitos dos quais convencionados em relação a um estilo particular. Melhor dizendo: o comércio de objetos e acessórios sexuais corresponde a um estilo formado por convenções que, ainda que possam sofrer variações, nada têm de muito criativas. Muito couro preto, ligas de meias vermelhas, rendas artificiais, dildos²⁴ de tamanhos variados – com certa ênfase no tamanho avantajado –, imagens de corpos femininos com predominância do tipo ariano e loiro (preferencialmente, um loiro artificial) e seios firmes e enormes. Os corpos masculinos predominantemente são dotados de músculos e dá-se particular ênfase a órgãos sexuais imensos. Nos vídeos, há ênfase de combinações ou arranjos sexuais fora do comum, porém também encerrados em uma fronteira simbólica que visa, no limite, salientar certos aspectos que são observáveis naquilo que constitui as relações de gênero – corpos femininos (ou feminizados quando o suporte corporal é o do homem) são adornados para configurar o *locus* da penetração; corpos masculinos (e não há correspondência ou alternativa para a masculinização dos corpos de mulheres) são adornados para configurar o *locus* do corpo que penetra. O exercício da sexualidade entre corpos do mesmo sexo

²⁴ Objeto desenhado para ser inserido na vagina ou no ânus. Eles não vibram como os vibradores (peças do mesmo tipo e seguindo os mesmos modelos, mas que têm baterias de modo a vibrarem quando acionados. Existem vibradores que não seguem uma formatação mais fálica – voltarei a esse ponto, a seguir). Os dildos, segundo material escrito encontrado na loja, são encontrados desde o paleolítico, passando pelos desenhos nos vasos da Grécia Antiga e mencionados nas comédias gregas clássicas.

tem preponderância entre mulheres e seu sentido ainda corresponde a uma mesma lógica: torna-se prática aceita e estimulante de um certo desejo *voyer* masculino.

Para além de uma simplificação de natureza militante, algumas feministas qualificam esses *sex-shops* e esses conteúdos e práticas como parte de um “modelo hidráulico” do desejo, ou melhor, o desejo como algo concebido numa relação corporal *input/output*. No que concerne à discussão que interessa no momento, esse modelo tem como pressuposto a noção de que a pornografia implica a contestação de modos habituais e sancionados de sexualidade e, mais importante, um modelo no qual a diferença sexual está baseada na incomensurabilidade e complementariedade entre, de um lado, o corpo que deseja e, de outro, o corpo que vai se constituindo como objeto do desejo. Resta enfatizar que o primeiro está configurado – guardadas variações e arranjos simbólicos diversificados – dentro de um conjunto de sinais que demarcam simbolicamente o masculino e o corpo que se posiciona como objeto do desejo por um conjunto de sinais que demarcam simbolicamente o feminino.

Os *sex-shops* pesquisados em São Francisco e Berkeley representam casos excepcionais e em crítica ou contraste aos *sex-shops* convencionais do mercado. Os estabelecimentos gays não apenas visam um público não heterossexual, como apresentam produtos que enfatizam uma padronização ou uma configuração entre corpos e novas alternativas de desejo entre homens. O *sex-shop* das lésbicas também busca outros públicos, ainda que tenha uma proposta menos sectária. Há nele toda uma retórica e um conjunto de produtos que busca oferecer alternativas para casais heterossexuais, gays e lésbicas.

A primeira consideração importante sobre esses *sex-shops* é, pois, a construção de um mercado alternativo ao convencional. Todos os produtos e o conjunto de acessórios buscam constituir diferenças em relação ao padrão dos *sex-shops*. Há um esforço de diferenciação, criando uma espécie de mercado segmentado que contemple outras escolhas sexuais. Nesse sentido, há um claro

diálogo entre convenções. Se os *sex-shops* convencionais enfatizam, nos corpos femininos, seios e cabelos loiros, nos gays e no lésbico não encontramos esse tipo de referente. Ainda que tenha realizado pesquisa em diversos *sex-shops* gays, concentro a descrição e a análise no estabelecimento criado pelas lésbicas.

Boas vibrações

Valencia é uma das ruas perpendiculares à Castro Street, mais conhecida pelos círculos locais como a rua das lésbicas. Seguindo a segmentação corrente, neste “pedaço” do Mission District distribuem-se lojas e espaços de afirmação da cultura gay feminina e feminista. Além de estabelecimentos para tatuar e colocar *piercings* e de um prédio onde estão reunidas sedes de várias organizações em defesa dos direitos da mulher e de homossexuais, está a Good Vibrations – *sex-shop* criado em 1977 por lésbicas sintonizadas com o feminismo e interessadas em expandir o universo de informações e alternativas de escolha sexual para um público mais diversificado (além de mulheres e gays, a loja visa também o público heterossexual).

Mais do que um entreposto de produtos sexuais, as idealizadoras do Good Vibrations consideram estar dando curso a uma missão. Elas partem da premissa de que há mais prazer sexual disponível do que experiências concretas e, em função disso, pretendem oferecer acesso a materiais que ajudem a expandir as experiências, melhorar o nível de informação sobre sexo, combater o medo, a ignorância, os preconceitos e a insegurança. Para aqueles que consideram que esse tipo de negócio não corresponde à agenda feminista, elas replicam: “we believe that honest communication about sex is a pre requisite to equal rights both in and out of the bedroom”.²⁵ Acreditam, ainda, que os principais produtos a venda, os *sex toys*, são revolucionários:

²⁵ *Good Vibrations*, 1994, p.1.

The idea that pleasure for pleasure's sake is sufficient motivation for sexual activity, and that no means of experiencing sexual pleasure is morally, aesthetically or romantically superior to another, is the subversive philosophy behind the enjoyment of sex toys.²⁶

Os *sex toys* não foram concebidos com a perspectiva de ajudar ou solucionar problemas sexuais, mas para divertir, por isso são chamados de *toys*. Além disso, eles são acessíveis ao consumidor médio e são apresentados com informação cuidadosa para o consumidor. Um *sex-shop* politicamente correto, eis a melhor definição para o Good Vibrations. De certo modo, como já foi salientado, há uma tentativa clara de diferenciar esse tipo de negócio no interior do mercado sexual. Mais do que visar lucro, pretende-se legitimar escolhas mais diversificadas de exercício sexual, tentando não alimentar esteriótipos ou reforçar práticas que incorram em objetificação. Há, de fato, todo um cuidado em domesticar e neutralizar o sentido de violação envolvido no significado corrente de erotismo. No lugar da violação, esse tipo de loja introduz, através de todo o seu aparato de produtos e manuais, uma nova concepção que salienta o sentido de ginástica e de fortalecimento do *self*. Há um esforço claro de integração e não de subversão. Vejamos.

Primeiro impacto: pelo lado de fora, a loja está pintada com cores pastéis. Ainda que não se veja o interior – as portas e janelas são de vidro jateado –, nada no exterior a diferencia de outras lojas circunvizinhas que vendem móveis, roupas e livros. Ao atravessarmos a porta, a primeira impressão se confirma: o espaço interno é claro e *clean*. As janelas trazem uma iluminação direta que é ainda mais reluzente em função das paredes amarelas. Prateleiras de madeira – e uma madeira bem clara – dividem o interior da loja em setores. Em todas as visitas, encontrei a loja repleta de gente: casais heterossexuais e homossexuais, muitos

²⁶ Id., p.2.

Relações de violência e erotismo

jovens, alguns com tatuagens e de roupa preta, outros bem discretos. Todo mundo de cara aberta e feliz, manipulando algum aparelhinho, cheirando algum incenso, vela ou bálsamo, folheando livros. O cheiro completa o cenário – um leve aroma de sândalo e alfazema tranqüiliza, conforta.

Por visar um público alternativo, mas que inclui a presença de mulheres, o feminino é, antes de tudo, matéria simbólica a ser valorizada. Porém, de modo particular, indo contra a tudo aquilo que conota o padrão do mercado convencional, a exposição de corpos de mulheres enfatiza aquilo que contraria qualquer artificialismo. Fotografias enormes dispostas por todas as paredes mostram mulheres mais velhas – e a idade, antes de constituir objeto degradante, é cuidadosamente apresentada como algo natural; os corpos não são magros ou gordos, tampouco torneados por plásticas ou ginástica; axilas e pernas não são depiladas. Rugas, pelancas e pelos não são escondidos, antes, fazem parte de corpos que querem ser *sexys*. Há uma incorporação de uma estética claramente *hippie*, mas articulada a certos significantes que salientam a sensualidade e a sexualidade. Ali a tendência é a de tentar associar sensualidade a um corpo não artificial, dando a impressão de que se quer legitimar uma nova concepção de sensualidade em uma versão “politicamente correta”. Nada avilta ou limita – os jogos eróticos podem ser operados em uma lógica que, longe de “objetificar” o feminino, busca o conforto, a mulher comum, uma espécie de democratização das escolhas, ou melhor, da idéia de que o erotismo é possível e desejável para todos.

Chama atenção a organização dos elementos. Do lado esquerdo da loja, está disposta na parede uma infinidade de dildos de tamanhos e cores variados – lilases, azuis claros, rosinhas, vermelhos cintilantes... formatos para gostos diversos – uns mais grossos, outros de menor dimensão –, texturas que variam entre o látex e o silicone, alguns com o formato idêntico a um pênis, incluindo saco escrotal, outros lisos. Uns duros, outros moles. Logo acima deles, estão expostas cintas para que os dildos

possam ser vestidos. Todos são coloridos, alguns feitos de tecido, outros de couro. Seguindo essa mesma parede, vão sendo apresentados outros materiais: há o lugar para os objetos ligados às práticas S/M²⁷ – chicotinhos de couro ou de plástico de cores variadas, roupas de couro ou látex pretas, argolas e algemas; o lugar dos óleos e bálsamos e lubrificantes; a prateleira dos vídeos.

No centro da loja, as prateleiras vão ajudando a organizar a disposição dos produtos. Nelas encontramos os livros classificados por tipo: ficção erótica, manuais para práticas diversas (masturbação, sexo anal, sexo oral), técnicas de massagem, fotografia e livros diversos sobre como fazer sexo de modo seguro, incluindo livretos que explicam a diferença – vantagens e desvantagens – dos óleos e lubrificantes. Impressiona a variedade e a sofisticação da informação fornecida. Chama particular atenção a quantidade de manuais. Parece haver uma tentativa explícita de ensinar técnicas de exercício sexual, com ilustrações e descrições pormenorizadas sobre os movimentos corporais. Não existem muitas diferenças entre esses manuais e todos os seus dispositivos de apresentação das várias técnicas e os manuais de ginástica. Fontes de uma mesma tradição. A implicação mais imediata: nesses manuais há a concepção do corpo moldável pelas técnicas e dicas para seu adequado desempenho, no entanto, diferente dos manuais de ginástica, neles existe a incorporação de técnicas para fruição sexual. O início de todos os manuais – sejam eles sobre as práticas S/M ou para masturbação e uso dos *sex toys* – apresenta um texto em que há a preocupação de tornar legítima a prática em questão. O intento deles é o de desinvestir o caráter transgressor dos exercícios, descaracterizar o caráter patológico e perverso dos agentes envolvidos e convidar os leitores a experimentarem essas formas de sexualidade. Todos eles enfatizam como essa expansão das fronteiras eróticas reforça a auto-estima das pessoas, libertando-as de preconceitos e estimulando a imaginação.

²⁷ S/M é a abreviação das práticas chamadas de sadomasoquistas.

Outra prateleira expõe os vibradores. Os formatos são variados, oscilando entre os fálcos (como os dildos) e uns imensos, com formatos parecidos aos microfones ou *mixers* (eletrodoméstico que mistura bebidas). Um deles parece uma furadeira elétrica, só que no lugar da broca está acoplada uma bola de textura, aparentemente, confortável. A aproximação visual com eletrodomésticos parece exacerbar o sentido de tornar os exercícios sexuais prática rotineira e normal. Como se os seus *designers* estivessem sugerindo aos consumidores que deixem de lado as tarefas domésticas para investirem no próprio prazer. Ironia ou *boutade*, essa estética que sugere uma continuidade com aquilo que caracteriza as tarefas femininas do lar dá o que pensar. O que se assemelha ao microfone também é interessante. Como se a ausência da fala e da voz das mulheres no cenário público estivesse sendo elaborada criticamente, a partir de uma metáfora irônica, para salientar a ênfase em uma nova subjetividade caracterizada pela busca do prazer, da auto-estima, do divertimento.

Peças vistosas – dildos e vibradores, ali dispostos – perdem todo e qualquer caráter de violação. Intriga o fato de serem os elementos mais presentes, tanto no sentido quantitativo como no qualitativo, dada a exuberância de suas formas. Não é exagerado afirmar que eles são os *sex toys* preponderantes. O que me faz pensar que nessa nova configuração do erotismo existe uma ênfase na “genitalidade”. Uma parte do corpo – os genitais – parece ser o objeto por excelência dessas sexualidades que se descortinam.

A fragmentação do corpo em partes tem sido tema de inúmeros estudos. Na maioria das análises, tal fenômeno corresponde à crescente objetificação do corpo como resultante da cultura de consumo e das práticas médicas.²⁸ Toda a vertente de

²⁸ LYON e BARBALET. *Society's Body: Emotion and the Somatization of Social Theory*; e CZORDAS, Thomas. *The Body as Representation and Being-in-the-World*. In: CZORDAS, T. (ed.) *Embodiment and Experience*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.

estudos no interior das teorias feministas²⁹ complexifica, a meu ver, as interpretações que denunciam a objetificação. Em uma delas – a que contesta os binarismos mente/corpo, natureza/cultura e qualquer tipo de abordagem que resulta em essencializar ou substancializar –, o corpo passa a ser considerado corporalidade, algo que adquire capacidade de ação (*agency*). Essas teorias estão sendo elaboradas por autoras que buscam entender o corpo vivido, como é representado e usado em situações culturais particulares.

Para elas, o corpo não é nem bruto, nem passivo, mas está entrelaçado a sistemas de significado, significação e representação e é constitutivo deles. Por um lado, é um corpo significante e significado; por outro, é um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas.³⁰

Desconstruir a polaridade mente/corpo, uma das bases dessa teoria da corporalidade, implica, para essas autoras, tomar a materialidade do corpo para além das inscrições definidas pelas leis e termos da física, ou seja, tomar a materialidade como uma continuidade da matéria orgânica; em seguida, não associar a corporalidade apenas a um sexo, como na nossa tradição cultural em que o corpo está associado à mulher, liberando os homens para os afazeres da mente; recusar modelos singulares e pensar a corporalidade no interior de um campo plural de alternativas,

²⁹ Elizabeth Grozs, em competente balanço teórico sobre corpo na tradição filosófica e do pensamento feminista, diferencia três grupos de autoras: o feminismo igualitário, as teóricas que advogam o construcionismo social; e as que pensam a partir da diferença sexual. Este último grupo é constituído por autoras como Luce Irigaray, Helene Cixious, Gayatri Spivak, Jane Gallop, Judith Butler, Monique Wittig, entre outras. GROZS, Elizabeth. *Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu* (14), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2000, pp.45-86. A vertente de pensadoras a que estou me referindo condiz com essa classificação.

³⁰ GROZS, E. *Corpos reconfigurados. Op., cit., p.75.*

misturando sexo, classe, raça e idade numa plêiade de possibilidades de exercício e de representação. Enfim, trata-se de uma perspectiva que visa, ao evitar análises biologizantes ou essencialistas, ver o corpo como lugar ativo (portanto, não apenas um suporte) de inscrições e produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas.³¹

Seguindo essas teorias, a ênfase na genitalidade – que me chama atenção nas alternativas simbólicas desse “erotismo politicamente correto” – deve ser interpretada de modo pouco linear. De um lado, há visivelmente uma neutralização das inscrições que posicionam as corporalidades segundo sexo, raça, idade, etc. Não se trata apenas de um procedimento que apaga ou põe entre parêntesis as posições sociais ocupadas pelos sujeitos que portam os genitais. Antes, trata-se de uma espécie de apagamento das inscrições de uma corporalidade em que o próprio desejo ou prazer possa ser elaborado a partir de outras superfícies ou articulado a outras partes do corpo ou dos corpos envolvidos. De certo modo, focalizar nos genitais as possibilidades de fruição tende a obliterar a diferença. De outro lado, é preciso considerar que, a exemplo da diversidade dos dildos e dos vibradores, essa nova erótica permite pensar outra qualidade de diferenças, expandindo ou mesmo explodindo a relação entre um tipo de corpo (com um sexo, uma cor, uma idade, etc.) e sua correspondente preferência de exercício sexual. Este é o lado para o qual essas alternativas criam novos horizontes para a reflexão teórica: não há correspondência entre a posição do sujeito em termos sociológicos, de gênero, racial e um tipo modelar de comportamento ou preferência sexual. O campo se alarga, ainda que ao preço de uma fragmentação. Antes: a própria fragmentação é empregada como algo positivo, como uma resignificação que visa a expansão dos prazeres possíveis e a implosão de modelos ou da modelagem convencional do comportamento sexual.

³¹ ID., IB.

Se há essa positividade aberta pela tendência de enfatizar os genitais nessas práticas, há também, como vimos a partir dos manuais de sexo, um caráter de funcionalidade pragmática que está ausente dos casos fornecidos por outros *sex-shops*. No *Good Vibrations*, o consumidor está diante de uma postura que celebra o sexo como fonte de prazer, divertimento e saúde – mental e corporal. Para alcançar esse objetivo, os produtos são apresentados com o pragmatismo de uma bula. *Comodification*, não há dúvida. Contudo, um tipo de mercantilização que traz associada uma tendência a fortalecer o *self*, permitindo um equilíbrio entre mente e corpo. Tais categorias não estão sendo negadas, antes, trata-se de promover alternativas para seu balanceamento funcional e adequado. Essa tendência fica ainda mais evidente se examinarmos o material à disposição na loja para os praticantes do sadomasoquismo (S/M).

S/M

In fact, S/M has nothing to do with coercion, either sexual or non sexual. The common denomination in all S/M play is not a violent exchange of pain but a consensual exchange of power.³²

Esta definição contesta as noções usuais sobre sadomasoquismo, inclusive a conceituação presente no dicionário, que tomam a prática como uma perversão de ordem sexual ou algo que descreve uma dinâmica entre pessoas envolvidas em comportamento coercitivo ou abusivo. O contra-discurso fornecido acentua, ao contrário, que S/M é um jogo erótico de poder e não um abuso físico ou emocional. E re-conceitua essa alternativa em sintonia com os participantes de grupos organizados de S/M que preferem adotar outras expressões para designá-la: jogos dominação/submissão, sensualidade e “mutualidade”, mágica sexual, sexo radical ou jogo de poder e

³² *Good Vibrations*, 1994, p.210.

confiança. Esses grupos têm o cuidado de, em suas palestras e *workshops*, divulgar a necessidade das práticas S/M se darem em meio a um contexto de segurança e estruturado a partir da negociação e comunicação entre as pessoas envolvidas: “The botton line is, you can’t dominate your partner unless he or she allows you to take control, and you can’t submit to your partner unless he or she accepts control”.³³

Na tentativa de legitimar o sadomasoquismo como alternativa erótica aceitável, o caráter de violência a ele associado é substituído pela conotação de um jogo consensual entre parceiros que brincam com os conteúdos e exercícios ligados a posições de dominação e de submissão. Os chicotes coloridos e as cenas nos vídeos reforçam essa tendência. Tudo parece estar sendo cuidadosamente montado para encenar uma situação que simula a violência, mas, simultaneamente, a afasta ou a neutraliza. A dor não faz parte dessa encenação, assim como o subjugo real ou concreto. Essa simulação vai sendo montada a partir de fantasias sexuais. Trata-se, de fato, de encenações quase teatrais e privadas de duas naturezas distintas: de um lado, as fantasias de ser dominado e subjugado por seqüestradores, estupradores, às vezes, por *aliens*; de outro, aquelas que posicionam o sujeito no controle de uma relação com uma espécie de escravo amoroso.

No limite, há a tentativa de legitimar o S/M, pois acreditam e explicitam que o jogo de poder é central na nossa imaginação erótica. A noção que está por trás desta afirmação é que o sexo entre duas pessoas raramente ocorre em meio a um patamar igualitário ou de satisfação mútua em um orgasmo simultâneo. É mais freqüente que cada parceiro reveze no controle das sensações do outro. Sem dúvida, essa é uma espécie de naturalização do erotismo, como se ele fosse desencarnado de um mapeamento simbólico cuidadosamente tecido em meio a processos históricos e culturais.

³³ Id., p.211.

Interessante notar também que os manuais S/M ou o capítulo sobre essa prática no manual do *Good Vibrations* apresentam, em contraste com os relativos a outras práticas, afirmações mais categóricas e uma caracterização detalhada sobre como definir quem está no controle e quem está submetido. Além disso, enfatizam o fato de ser essa uma das expressões do sexo seguro. Além de dizerem, o que eu achei surpreendente, que assim como os *sex toys*, os jogos S/M não enfatizam o intercuro genital, os manuais aconselham as pessoas a não ingerirem álcool ou drogas quando o praticam. Há todo um conjunto de normas que o potencial S/M deve seguir: identificar seus desejos e fantasias; encontrar o parceiro; negociar a cena; procurar o local adequado para encená-la; escolher a posição e os personagens; cuidar da saúde e da segurança. Essa normatização está acentuada nos materiais relativos a esse campo da sexualidade.

Tenho a hipótese que o pragmatismo que recobre os *S/M plays* é resultante justamente da premência de torná-lo politicamente correto, afastando-o da violência.

Jane Gallop, na análise sobre as leituras feitas por vários pensadores sobre de Sade, critica Barthes e sua insistência em apagar a violência inscrita nos textos sadeanos, salientando apenas o princípio de delicadeza que os estrutura. Por motivos inteiramente distintos, os *S/M plays* incorrem em um mesmo deslocamento. A busca por uma legitimidade da prática no interior do campo feminista codifica o exercício, institui normas e regras de consenso, apaga a violência.

Desse modo, ainda como uma conclusão descosturada, o silêncio sobre a violência na sua expressão prático-erótica mais contemporânea (nos S/M) revela algo que conduz à necessidade de tentarmos desenvolver ainda mais as nossas reflexões. As teorias e práticas feministas tiveram por mérito salientar o sentido da violência de gênero que configura as relações heterossexuais, incorrendo, por vezes, em reducionismos e na vitimização da mulher. Algumas vertentes, em crítica a esses reducionismos, criaram a posição *pro-sex*, ampliando, de modo muito rico, as

Relações de violência e erotismo

possibilidades de pensar novas alternativas eróticas, inclusive, aquelas que ilustram ou se aproximam de um sentido violento. Elaboraram uma versão “politicamente correta” do erotismo, intrigante o suficiente para examinarmos alguns de seus efeitos paradoxais.

Em primeiro lugar, tentando o exercício de pensar o que se ganha e o que se perde com essa expressão “politicamente correta”, ganha-se com a ampliação do escopo de escolhas e práticas sexuais possíveis. Contudo, trata-se de uma ampliação que traz implícito um preço: o deslocamento do sentido da pornografia, perdendo sua conotação de obscenidade. De fato, noto uma substituição de significados. O “obsceno”, caro às expressões eróticas que se desenham em materiais desde o século XVI, está perdendo lugar para a noção da prática sexual como técnica corporal que visa o fortalecimento da auto-estima individual.

Em segundo lugar, como sugeri no correr da análise, o debate feminista sobre erotismo estabeleceu uma disjunção entre prazer e perigo, como se para garantir uma fruição politicamente aceitável, seja possível apagar a violência. Essa disjunção está ilustrada na proposta S/M na qual a simulação dos *plays*, por ser regrada na forma do consenso, estivesse garantindo o acesso a relações em que a violência não tem lugar. Ainda é necessário investigar até que ponto essa noção de consentimento como ato imediato da vontade não é por demais simplificada.

É preciso pensar mais sobre as implicações desse tipo de solução, tanto em termos teóricos, como nas suas conseqüências políticas. De fato, estamos diante de um quadro que ora reduz a violência a uma dicotomia entre vítima e algoz; ora, para entender suas difíceis articulações com o prazer, a desloca para um outro campo semântico, impedindo que ela possa ser objeto de reflexão.